

Breves narrativas indígenas sobre a infecção, tratamento e a cura do Coronavírus em Manaus, Brasil

Brief indigenous narratives about the infection, treatment and cure of Coronavirus in Manaus, Brazil

Breves narraciones indígenas sobre la infección, el tratamiento y la cura de Coronavirus en Manaus, Brasil

Dagoberto Lima Azevedo
Jaime Moura Fernandes
Jonilda Hauwer Gouveia
Liliane Lizardo Salgado
Sílvio Sanches Barreto
Justino Sarmento Rezende

Artigo de investigação

Dossiê: Reflexões e perspectivas sobre a pandemia de Covid-19.

Editores: Gilton Mendes dos Santos, Luisa Belaunde, Edgar Bolívar-Urueta

Data de envio: 2020-06-22 **Devolvido para revisões:** 2021-01-12 **Data de aceitação:** 2021-02-08

Como citar este artigo: Azevedo, D. L., Fernandes, J. M., Gouveia, J. H., Salgado, L. L., Barreto, S. S., e Rezende, J. S. (2021). Breves narrativas indígenas sobre a infecção, tratamento e a cura do Coronavírus em Manaus, Brasil. *Mundo Amazónico*, 12(1), 201-215. <https://doi.org/10.15446/ma.v12n1.88515>

Resumo

O artigo apresenta as narrativas de indígenas antropólogos sobre como eles realizaram seus tratamentos quando foram infectados por coronavírus em Manaus e realizam as leituras sobre o Covid-19 a partir da perspectiva antropológica. Os diversos tratamentos da Covid-19 começam pelo uso dos *basese* (“*benzimentos*”) próprios de seus avós, passam pelo aproveitamento das cascas de árvores para prepararem os chás e na utilização dos medicamentos fornecidos pelos profissionais de saúde. O leitor conhecerá essas práticas que levaram a vencer a Covid-19.

Palavras-chave: Indígenas; Coronavírus; Tratamento; Terapêuticas indígenas.

Abstract

This article presents narratives by indigenous anthropologists, narrating the way they heal themselves from coronavirus during the pandemic in Manaus. These complex and diverse treatments for COVID-19 start with the use of *basese* (“*blessings*”) known by their ancestors and is carried out with the use of medicinal teas made from tree cortex and the aid of some biomedical advice and

Dagoberto Lima Azevedo Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). limaazevedo@gmail.com

Jaime Moura Fernandes Universidad Federal de Amazonía UFAM. jaimediakara@yahoo.com.br

Jonilda Hauwer Gouveia Universidad Federal de Amazonía UFAM. jonilda.hauwer@yahoo.com.br

Liliane Lizardo Salgado Universidad Federal de Amazonia UFAM. lilianelizardo49@gmail.com

Sílvio Sanches Barreto Universidad Federal de Amazonia UFAM. basais@bol.com.br

Justino Sarmento Rezende Universidad Federal de Amazonia UFAM. justinosdb@yahoo.com.br

drugs. In this work, we will outline in detail how this process was carried out and how the COVID-19 was defeated by them.

Keywords: Indigenous; Coronavirus; Treatment; Indigenous therapies.

Resumen

El artículo presenta las narraciones de antropólogos indígenas sobre cómo realizaron sus tratamientos de salud cuando fueron infectados por el coronavirus en Manaos mientras hacían sus lecturas sobre el COVID-19 desde la perspectiva antropológica. Los diversos tratamientos para el COVID-19 empiezan por el uso de los *basese* (“bendiciones”) propios de sus abuelos, pasan por el aprovechamiento de las cortezas de árboles para la preparación de “chás” – mates y por la utilización de los medicamentos abastecidos por los profesionales de la salud. El lector tendrá conocimiento de estas prácticas que los llevaron a vencer el COVID-19.

Palabras clave: Indígenas; Coronavirus; Tratamiento; Terapias indígenas.

Introdução

O objetivo desse artigo é mostrar que o ano de 2020 os habitantes desse patamar terra foram atingidos por uma pandemia, Covid-19. Da China espalhou-se por diversos países. Chegou ao Brasil e no estado do Amazonas, capital e no interior, até ao município mais indígena do Brasil, São Gabriel da Cachoeira, donde os autores desse artigo são provenientes. Nunca se imaginou que chegaria tão rápido para paralisar os ritmos de vida. Houve uma explosão rápida de casos de Covid-19 em Manaus, nos municípios do Estado do Amazonas. Em alguns lugares foram infectadas muitas pessoas. É importante notar que mesmo que não houvesse estruturas de atendimento às vítimas da Covid-19 nos municípios, os indígenas conseguiram combater com suas próprias medicinas baseadas nas plantas, raízes, caules, folhas. Faziam tomando os chás mesclados, complementados com os efeitos de *Basese*, isto é, tratamentos com forças de prevenção, proteção e cura dos especialistas de diferentes povos indígenas. Por essas razões se explica o óbito de menos pessoas do que se imaginava.

A metodologia é a descrição da própria experiência por ter sido infectado, ter feito o tratamento e de ter vencido a Covid-19. Está presente também a experiência de isolamento/distanciamento social. O presente texto não trabalha com estatísticas exatas de números de afetados, curados e falecidos.

Os resultados são a tomada de consciência e a valorização de nossos conhecimentos originários, como os *basese* – “benzimentos” de cura; *wetidarese* – *imunização das doenças*. A retomada dos conhecimentos que estavam adormecidos sobre o aproveitamento das medicinas extraídas plantas: cascas, folhas, raízes.

Conhecimentos dos povos do noroeste amazônico sobre os seus cuidados à saúde

Os conhecimentos dos povos originários amazônicos garantem a sustentabilidade da vida, como afirma *Jaime* (Desana) ao dizer que “o conhecedor *Desana*, sempre teve controle sobre o período de ataque dos vírus que circulam no ciclo de estação “*Puéküri*”(enchentes dos rios) e “*Kümari*”(época de verão), que chamamos os vírus “*Doahthouse Büküürã*” (seres causadores de doenças). Esses vírus percorrem no “*Upimã*” (caminho de estrelas). Quando são provocados pelos seres humanos, reagem causando as doenças. Os “*timükori pehti*” (o fim dos dias) são provocadas pelos “*Uhpi mahsa*” (guerreiros da via láctea/seres das constelações). O conhecedor *Desana* consegue fazer a leitura do calendário lunar de “*Doatise Puéküri*” (enchentes dos rios que provocam doenças). Ele prepara o benzimento chamado de “*wehtiro*”, isto é, que torna as pessoas livres dos ataques dos vírus causadores de doenças.

Segundo *Dagoberto* (Tukano), um *Kumu* (mestre ceremonial) Domingos Valle, Tuyuka de Bella Vista (Colômbia/2010), disse que “os velhos conhecedores do calendário ecológico realizam benzimentos de proteção conforme as épocas próprias para certos trabalhos, e para a proteção de doenças do tempo. Quando não se benze adequadamente – bem especificado o que pode vir a atingir as pessoas podem sentir-se doentes e com a sua alma ou coração agitados. Nós, velhos, contamos as épocas por meio das constelações. As enfermidades circulam entre os diversos patamares que formam esse cosmo. Em algumas épocas chegam ao patamar onde habitam as pessoas. De algumas doenças, os especialistas conheciam a origem e combatiam. E, para outras não, sentiam muita dificuldade para combater.”

O próprio *Dagoberto* fala que os *Pamtrrimasa* (pessoas que surgiram das águas), povos do noroeste amazônico, há anos vêm se tratando de *Doatise* (doenças) com ervas da floresta e da roça e com o *Basese* (xamanismo). Recorrem ao *Basegít* (xamã) para ele acionar e efetivar agenciamento de ações: proteção, prevenção, neutralização, cura. Em tempo de pandemia, como no tempo atual, me faz relembrar a necessidade de conjugar a esterilização *Yepamasa* (Tukano) com as orientações das autoridades sanitárias dos não indígenas, enquanto estou em quarentena na metrópole do Amazonas. Reforça cotidianamente nele a compreensão de como ele se constitui e circula a partir do *basenização* *Yepamasa* (rituais de proteção dos Tukano).

Segundo a narrativa da *Jonilda* (Tariana), a Covid-19 é um inimigo cruel, impiedoso e devastador das vidas. Está no controle e levando consigo muitas vidas, sem considerar cor, gênero, etnia, riqueza, pobreza ou seja lá o que for. Nenhuma arma humana conseguiu derrubar tal força, nem pelo menos se igualar; estamos de mãos atadas. Então ela reflete sobre essas forças (o que

envolve conhecimentos aprofundados sobre a natureza, para nos prevenir e proteger), levando a nossa alma para o mundo de plenitude espiritual, onde poderemos estar realmente seguros de todos os males e clamar pelas forças da natureza para que nos sejam redobradas a sua bondade. É exatamente isso que a natureza nos oferece, expondo e direcionando saberes extraordinários sobre si mesmos para que possamos gozar e aproveitar esse campo de conhecimento a respeito dos agenciadores da nossa saúde. O exemplo são os animais, que fazem parte desse cabedal de conhecimentos entre os povos indígenas, pois estão envolvidos no papel de agenciamento dos benzimentos. Conseguir associar o conhecimento cultural, o papel dos animais e os conhecimentos ecológicos nos mostra, por exemplo, como ocorre a escolha de um pequeno animal no momento do benzimento de proteção, isto é, colocar na pessoa a roupagem de animais pelos quais a Covid-19 não se senta atraído, como pássaros, gafanhotos, peixes etc.

O *Silvio* (povo *Bará*) relembrava que os velhos se reuniam na calada da noite para uma roda de conversa falando sobre avanço de uma epidemia. Preveniam-se por meio de *Wetidarese*, que significa *invisibilizar* e *proteger* a pessoa para que o inimigo não enxergue nem ataque. O estudo coletivo da categoria de especialista era para proporcionar melhores conhecimentos para o combate, pois perpassa vários experimentos de *Basese* (prevenir e curar). Eles sabiam o grau da gravidade da doença e a quantidade de óbitos das pessoas da comunidade. Esse conhecimento lhes ajudava a criar as cerimônias de curas.

O próprio *Dagoberto* constatou que para a realização das cerimônias rituais de prevenção e cura, o *Kumu* acessa no plano cosmogônico, isto é, no mundo das florestas e os seres não humanos (*Waimasa*) para conseguir realizar uma exitosa cerimônia, utilizando tabaco e o *ipadu* ceremoniais. No intervalo, o *Kumu* (xamã) pede para que as pessoas fumem e comem o *ipadu* com efeitos de proteção. Ele constatou também que os *Kumua* utilizam o breu e o tabaco para prevenção das doenças. O breu e o tabaco espalham os efeitos de proteção pela fumaça. Os *Kumua* informam e alertam para os diversos tipos de doenças diagnosticadas em suas cerimônias e o que eles fizeram para combatê-las. Os membros de uma comunidade devem seguir as restrições, observações, orientações e explicações dadas pelos *Kumua* para não adquirirem as doenças. Outros *Kumua* previnem as doenças utilizando a pimenta e o sal. As pessoas recebem seus efeitos lambendo um pouco desses materiais.

O *Silvio* relata que o seu sogro *Justino Pena* (do povo *Tukano*), quando ouviu falar de Covid-19, não acreditava que chegaria a afetar nenhuma parte do Brasil. Por isso, quando ele foi afetado e sentiu de perto, ele disse que Covid-19 não é do universo nem do conhecimento indígena. Nessas situações de perigos, antigamente, os *Basedores* (que inserem forças de curas por meio de *Basese*), numa roda de conversa comendo o *ipadu* e fumando o cigarro,

endossavam o discurso do pensamento metafísico sobre acontecimento no mundo para prevenção e da proteção das doenças. Se tivessem feito assim com relação à Covid-19 teriam feito mais rituais de proteção. O trabalho coletivo era para a prevenção e a proteção dos velhos, a forma de enfrentamento a certas doenças. Eles já sabiam as fórmulas específicas e usos dos elementos que deveriam ser acionados e reforçados com chá de plantas medicinais.

Isolamento e distanciamento social em tempo de pandemias

Os povos originários do noroeste amazônico quando ouviam dizer que uma doença muito forte e perigosa estava aproximando refugiavam-se em lugares provisórios distantes de suas comunidades. Estando longe da aldeia, Dagoberto sente que se estivesse na aldeia Pirarara, no rio Tiquié, teria feito isolamento voluntário. Estaria dentro da floresta, longe do beiradão do rio Tiquié, mas perto da roça. Caçando, coletando frutas silvestres, poderia aproveitar para jogar líquido de timbó = *tinguijando* (cipó com efeito asfixiante), tinguijando nos igarapés até passar pandemia, conforme a tradição dos meus antepassados. Essa doença, dizem os velhos conhecedores *Pamtrrimasa*, é a mais perigosa, pois nenhum benzedor conhece as fórmulas para combater esse vírus novo da Covid-19 e os *Kumu* são desafiados a reformular ou recriar outras fórmulas de prevenção, proteção e cura.

A *Jonilda* relata que a Covid-19 trouxe de volta à memória os fatos semelhantes presenciados por seus pais quando eles eram ainda crianças, quando viviam no distrito de Iauaretê, rio Uaupés. Tratava-se de doenças muito perigosas e que traumatizavam as pessoas: catapora, coqueluche, sarampo, tuberculose e bexiga, essa última era provavelmente a varíola, uma vez que causava bolhas grandes por todo corpo e muita febre, de modo geral os moradores consideravam todas essas doenças como gripes que se manifestavam de diferentes formas.

Tais doenças se proliferavam de maneira rápida e mortal, por conta do modo de vida que as pessoas levavam nas aldeias ou mesmo nas comunidades, pois tinham costume de compartilhar tudo entre eles, principalmente em dias de festejo, onde era considerado até uma afronta se alguém, mesmo o “branco”, se negasse a compartilhar a mesma cuia onde se oferecia a bebida ou o alimento. E, assim, as enfermidades eram transmitidas, chegando até mesmo aos povoados mais longínquos. Fugiam para locais distantes, à distância de um dia de caminhada, adentrando na floresta e fazendo pequenos tapiris (casas provisórias) nas proximidades das roças. Isso ocorria sempre que era comentado no povoado que pessoas estavam por chegar à comunidade, provavelmente trazendo doenças. Podiam ser familiares que chegavam de viagem, às vezes já com certos sintomas de gripe, ou os próprios

salesianos. Esse era o momento de fazer o isolamento, ou seja: fugir mesmo. A maioria das famílias se isolava em torno de 30 dias, isso porque no local onde acampavam tinha como continuar cuidando da roça e conseguir alimento, caçando e pescando nos igarapés.

Após esse período, uma pessoa da família (geralmente o pai) ia até o povoado para se inteirar da situação. A família, antes de retornar, mesmo assim fazia o *wetidarese* (benzimento de proteção), só para garantir. As doenças perigosas chegavam até às famílias por meio de pessoas que retornavam da missão salesiana de Iauaretê, aonde tinham ido fazer trocas de produtos como farinha, banana, peixe, tucum e moqueado, entre outros, por mantimentos como anzol, sal, sabão, espoleta, chumbo, terçado, querosene etc. A mãe dela relembrou do caso de suas duas irmãs. Uma tinha um ano e a outra seis meses de vida. Faleceram de coqueluche na mesma data, a mais velha pela manhã e outra mais nova pela tarde; com certeza um grande sofrimento para a família, principalmente para uma mãe. Na atualidade, os parentes indígenas que vivem nas cidades estão muito expostos às doenças. É o caso da Covid-19 agora. Eles sentem o desejo de fugir, mas não têm condições de sair, viajar. Quando estão nas aldeias mesmo, se refugiando em lugares distantes, não deixam de exercer suas atividades. Continuam caçando, pescando e plantando, o que é uma coisa positiva, considerando esse contexto. A avó da *Jonilda*, na impossibilidade de retornar para Iauaretê, refugiou-se no terreno de um de seus filhos, que fica no rio Tarumã, 30 km distante de Manaus.

Segundo o *Silvio*, ninguém quer morrer. Ele conta o caso do senhor Benedito Dias, do povo Tukano, que quando soube da Covid-19 falou para sua esposa: “*yi’ñ purika katí sirisa opi, te’á mariá dutirã – Eu ainda não quero morrer! Maria, vamos fugir!*” No passado, os pais do senhor Benedito Meireles se adentravam na cabeceira do rio *Cunuri*, fugindo das pessoas para não ter contágio nem serem infectados pelas doenças. Já no tempo passado, os velhos costumam lembrar que tempo epidêmico, muitas pessoas morriam atingidas pelo sarampo, varíola, tuberculose e malária na região. Muitos indígenas morreram por não saber como se proteger até mesmo com as fórmulas de cura das doenças. Eram doenças novas, desconhecidas na região.

Pandemia de Covid-19 entre os povos do noroeste amazônico: Manaus

A Covid-19 surgiu distante da Amazônia, na China e chegou à Amazônia, em Manaus. *Jaime* contou que no período do aparecimento da Covid-19 estavam na cidade de Rio de Janeiro, que os *Kumua* se referem como “*Cuia de Vida*” e outros se referem como “*Lago de Leite*”. Lá ele foi infectado pela Covid-19. Após uma semana do retorno em Manaus, já se manifestaram os sintomas: febre alta, dor de cabeça, nariz entupido, dores de corpo, tontura

com vômito, dor de garganta, tosse seca, aperto de corpo, dores no peito, falta de ar, diarreia, dores nos ossos, adormecimento nos pés, corpo mole e cansaço contínuo. Quando ele quis utilizar as fórmulas de cura que o pai dele *Diakuru* (nome do pai dele em *Desana*), não lembrava.

Para o *Dagoberto*, a Covid-19 o deixou bastante preocupado e angustiado pela sua saúde e as de seus *a'kawererã* (parentes). O estudo da ciência não indígena categoriza os indígenas como grupos sociais vulneráveis e suscetíveis das doenças. Por isso, isolou-se dentro da própria residência num bairro de Manaus. Começou a usar a máscara e usar o álcool gel continuamente, estando em casa e indo ao mercadinho para fazer compras.

A *Jonilda*, nesse período da Covid-19, participou dos projetos de enfrentamentos para cuidar de sua família e de outras famílias indígenas residentes em Manaus, com alcance também para o interior do Estado. O bairro Parque das Tribos é formado por várias etnias indígenas, vindas de todas as regiões do Amazonas. É um dos locais com maior concentração de famílias indígenas em Manaus. Na primeira semana de abril, diversos membros de sua família apresentaram os sintomas de “uma gripe estranha”, inclusive ele e o seu esposo. Ela suspeitou que teria sido infectada visitando os doentes e levando os mantimentos para eles.

O *Silvio*, morador da comunidade *Bayaroá*, localizada no bairro São João na BR 174 km 04, Manaus, Amazonas, quando assistia pelos noticiários locais (TV, redes sociais) sobre a Covid-19, acreditava que nunca chegaria em sua casa nem ficaria doente. Tinha essa certeza, pois logo pediu ao senhor Justino, seu sogro, para que fizesse a cerimônia de *Wetiro/Proteção* para toda a sua família no dia 26 de março. Disse que à noitinha debaixo de um chuvisco cheiraram do breu branco acionado para proteção e o próprio senhor Justino fez a defumação dos efeitos ceremoniais, nas pessoas, na casa e fora de casa.

Covid-19 desembarca entre os 23 povos originários em São Gabriel da Cachoeira

A Covid-19 muito rapidamente espalhou-se pelos municípios interioranos do Amazonas. Desembarcou na cidade mais indígena do Brasil – São Gabriel da Cachoeira, onde habitam 23 povos originários e os demais povos que chegaram. A doutoranda em Antropologia *Liliane*, do povo *Baré*, moradora em São Gabriel da Cachoeira, ao ouvir os relatos do surgimento da Covid-19, pensava consigo mesma: “ainda bem que estamos bem longe da China”. Passados alguns dias, já se noticiaram que a Covid-19 já tinha aparecido no Brasil. Foi assim que o desespero começou a surgir e aumentar. Pouco tempo depois, já aparecia em Manaus. Os Órgãos governamentais, a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro (DSEI), Instituto Sócio Ambiental (ISA) e a

Fundação Nacional do Índio (FUNAI), entre outros, começaram a se reunir e criar um Comitê de Enfrentamento da Covid-19, com o objetivo de evitar que esse vírus chegasse à cidade e devastasse a população indígena.

Estabeleceu-se, então, a norma proibitiva de entrada de transporte fluviais e aéreos que conduzem os passageiros. Foram organizados os grupos de pessoas das diferentes Organizações para realizarem barreiras sanitárias nas chegadas das embarcações na cidade. Os membros desses grupos eram os profissionais do DSEI e Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA), Guarda municipal entre outros. Eles se dirigiam às embarcações para verificar possíveis pessoas com síndrome gripal respiratória para, então, fazer o isolamento social dessa pessoa.

Infelizmente o vírus chegou à cidade mais indígena do Brasil, e trouxe com ele o pânico, o medo e a insegurança. Foi então proibida subida de quem estava na cidade de São Gabriel da Cachoeira para as suas aldeias. Com isso, se quis evitar o contágio maior entre as populações que vivem nas comunidades distantes. Da mesma forma, quem estava em suas comunidades foi proibido de ir a São Gabriel da Cachoeira. A barreira é feita na comunidade Ilha das Flores, na confluência dos rios Uaupés e Rio Negro. Para as famílias não passarem por necessidades de produtos tais como sal, óleo, sabão entre outros, os diversos órgãos começaram a distribuir cestas básicas para as aldeias para evitar a descida para a cidade.

Foi aí que começou uma grande batalha entre plantas medicinais/ xamanismo contra a inimiga chamada Covid-19. As orientações foram para que cancelassem todas as festas com grandes aglomerações, também as cerimônias tradicionais. Muitos motores começaram a subir o rio em direção aos sítios, comunidades a fim de fugir da inimiga invisível. Isolaram-se por completo, não recebendo visitas de pessoas de fora do sítio. Nesses meados, os chás de saracura, de iuruçu e de jambu eram ingeridos a fim de prevenir a chegada da doença. Realizando as defumações com o breu e *Sikāta* (breu aromático) ao redor do sítio e da casa, pois, segundo os mais velhos essa doença também vem pelo ar. As defumações serviam para afastar a doença que está longe. Alguns benzedores do rio Negro diziam que essa doença iria chegar como uma gripe e não iria ser tão forte. Houve teste em massa para quem quisesse e muitas pessoas testaram positivo para Covid-19. Os sintomas foram diversificados, uns sentiram mais, outros sentiram menos.

Combatendo a Covid-19 com os conhecimentos dos povos originários amazônicos e outros medicamentos

O *Dagoberto* lembra que os *Pamūrimasa*, em diversos lugares, com o intuito de prevenir a infecção da Covid-19, recorreram às ervas medicinais e aos conjuntos de *Basese* (xamanismo). Da mesma maneira, o *Jaime* sentiu a necessidade de combater a Covid-19 com medicina conhecida por nossos ancestrais, como o

chá e pomadas feitas com as plantas. Ele viu o seu pai *Diakuru* preparar bem o “*Bahseriko*” – líquido para fazer o “benzimento”. Com esse líquido (chá) que fazia a proteção das pessoas, inseria no líquido as forças ceremoniais para afastar as doenças, enfraquecer as forças do inimigo etc. Da mesma forma fazia com o fumo. Conta o Jaime que, mesmo sofrendo de Covid-19, criou a força para fazer a cerimônia de cura. Segundo ele, a Covid-19 teria sido criado pelos *Ümükori mahsa* = *Seres do Universo*. Utilizando o chá e a pomada feita com várias plantas medicinais, os benzimentos complementavam os efeitos curativos das plantas. Por meio de seu benzimento ativou o “*Biükürä puâwëse*” – “matar com timbó os parasitas”. O acesso e a utilização do conhecimento *desana* evitou que ele fosse ao hospital para se medicar com remédio farmacêutico. Viu que os benzimentos funcionaram nele, então ele ajudou outros parentes com os benzimentos. A medicina *desana* não é igual a do não indígena, de aliviar as dores e curar as doenças por tempo determinado. Mas ele não morre e deixa algumas sequelas. Por isso, os indígenas não estão preparados para eliminar e assassinar o vírus por completo e nem chegamos a matá-los, muitas vezes o mandamos de volta para onde ele veio.

O contava que na segunda quinzena de março de 2020, houve o primeiro caso confirmado da Covid-19 da comunidade *Bayaroa*, com uma jovem da etnia *Tariana*. Karen Rodrigues Alcântara, de 17 anos de idade. Os pais pensavam que fosse uma gripe comum e não se suspeitavam que fosse Covid 19. E, ela como jovem guerreira mesmo com febre, tosse seca e demais sintomas da Covid-19, foi com o avô paterno, senhor João Cavaleiro e pediu o *Basese* (benzimento). Ela não se alimentava, pois não se sentia gostos dos alimentos. A mãe, Marina Ramos Rodrigues, do povo Tukano, vendo que a filha não estava se alimentando, sem saber que esses sintomas eram da Covid-19 e tentando ajudá-la em sua alimentação, deu-lhe a *comida apimentada verde*, o que fez piorar ainda mais.

Outra mãe forte e guerreira foi a Rosineide Lana Pena, 38 anos de idade, do povo Tukano, moradora do Bairro Ismail Aziz, BR 174 km 02, Manaus. Rosineide ficou muito doente da Covid-19 em sua casa e, depois de ter superado, dizia *wériâ miisa* – *quase morri* de coronavírus. A senhora Silas Maria Marinho Vasconcelos, da etnia *Tariana*, 42 anos de idade, moradora da Comunidade São João da BR 174 km 04, membro da comunidade *Bayaroá*, após superar a doença, dizia para outras pessoas *wériâ misa yi'ña, pürî yiriapi* – *quase que morro desse coronavírus; é doença é muito forte*.

Rosiane Lana Pena, do povo Tukano, é esposa do *Silvio*. Ela é professora do Centro Municipal da Educação Escolar Indígena *Bayaroá* e técnica de enfermagem¹, 34 anos de idade. No mês de março sentiu os sintomas de malária e foi fazer exame na Unidade Básica de Saúde (UBS) MJ PM Sálvio Belota, no bairro Santa Etelvina. No resultado do exame, testou positivo para a Covid-19. Antes do resultado, ela estava tomando dois comprimidos de

cloroquina para o tratamento de malária. Mas os sintomas da Covid-19 já se manifestavam com um pouco de febre, dores no corpo, dor de cabeça, nariz escorrendo, perda de olfato e do paladar e, ninguém suspeitava de nada, apenas dos sintomas similares ao da gripe. Na semana santa, quinta feira (dia 9), a febre subiu para 40 graus, dor de cabeça, dores do corpo, dores dos olhos e sentia falta de ar, urina cítrica amarela e escura.

O seu esposo se encarregou de preparar o mingau de tapioca. No intervalo de febre, ela tomava um pouco. Quando melhorava, ela mesma preparava água morna para banho; preparava o chá com o alho roxo esmagado, folhas secas de canela, casca de laranja; tomava chá de folhas de jambu junto com flores, alho roxo esmagado, casca de laranja e mel e, isso na terceira fase de sintomas de Covid-19. O Silvio sentiu estar perdendo a sua esposa, por isso, mesmo doente, meio aéreo, telefonou para senhor Justino, seu sogro para fazer *Basese/benzimento* para sua filha; ele benzeu com o cigarro para baforar a cabeça; como ela sofria de sinusite, com a Covid-19 agravou mais ainda. O que salvou foram os *Basese* e os chás de plantas medicinais.

O próprio Silvio foi acometido pela Covid-19, pois tinha contato bem próximo, cuidado de sua esposa Rosiane. Os sintomas manifestaram no dia 12 de abril de 2020 com vários sintomas que lhes jogaram na cama. Sofreu por duas semanas com febre alta e em outros momentos febre mais leve. A sua esposa preparou chá caseiro para lhe dar de beber, chá feito com alhos roxos, limão, mel, folhas secas de canela, dois pingos de óleo de copaíba. Tanta mistura de chá lhe deu início de diarreias, por isso, suspendeu o chá.

A *Jonilda* narrou que a sua mãe disse nunca ter sentido dores como a da Covid-19. Era uma gripe que passava para outras pessoas de forma muito rápida e logo os seus vizinhos apresentaram os mesmos sintomas. Ninguém acreditava que fosse a Covid-19. Mas pela TV assistiam os relatos de pesquisadores que apontavam os principais sintomas como sendo falta de paladar, de olfato, febre, dor no corpo, olhos lacrimejantes, conjuntivite, tosse seca, pressão no peito etc.

A *Jonilda* ficou doente de Covid-19 durante três semanas. Foram dias de desespero para todas as pessoas. Pensavam que era “uma gripe anormal”. Ao mesmo tempo, estavam preocupados com os sintomas da Covid-19. Nem os médicos sabiam direito e prescreviam alguns medicamentos. Com o passar do tempo, todos os sintomas evidenciavam a Covid-19, como a falta de paladar, de olfato e da duração prolongada dessa “gripe”. Assim, tiveram a certeza de que estavam acometidos pela Covid-19. A constatação da doença e as preocupações contribuíram para o surgimento de outros sintomas que levaram a procurar os hospitais. Eram nítidos o desespero e a tristeza nos olhos de seus pais com essa possibilidade, pois era um contexto de muitas mortes nos hospitais, vítimas da Covid-19.

A *Liliane* estava em São Gabriel a Cachoeira e viu a Covid-19 chegar lá. Os habitantes começaram a tomar o chá de jambu, de boldo, saracura, mesmo sem sentir nenhum sintoma. Quando os sintomas apareceram, a medicina tradicional com seu poder de cura teve muita eficácia na cura das pessoas. Muitas pessoas tomam os chás por prevenção. Muitas pessoas se curaram tomando os chás de plantas medicinais. Combatendo a Covid-19 com os chás de plantas medicinais, muitos doentes não foram ao hospital. Eles também tinham medo de ir para o hospital e não retornarem para suas casas. Muitos acreditaram mesmo na força preventiva e curativa da medicina tradicional. O consumo de chás medicinais não permitiu que a Covid-19 avançasse para situação mais grave às acometidas por essa doença. Por isso, hoje se pode dizer que com o aparecimento da Covid-19, muitas pessoas começaram a valorizar a medicina tradicional. Os chás são a cura, segundo grande parte dos relatos das pessoas que se curaram sem precisar procurar posto de saúde ou hospital. Isso serve para provar que os conhecimentos de nossos antepassados são eficazes, não são mitos. Essa pandemia nos obrigou a aprimorar e pesquisar mais as plantas medicinais.

O *Silvio* faz a sua leitura sobre a Covid-19 com relação aos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Para ele, a Covid-19 desestruturou a compreensão dos conhecimentos tradicionais. O seu sogro senhor Justino (Tukano), mesmo especialista em *Basese* de proteção e de cura, ficou receoso para acionar a nova fórmula dos *Basese* para a Covid-19. Sentia-se numa angústia pensando criar *a fórmula específica para acioná-lo e, no momento certo da doença*. Ele acreditava-se que se deveria transmutar o coronavírus em *Kārako*, que significa transformá-lo num vírus bom, com o sabor de fruta doce, no corpo das pessoas, esse era o primeiro pensamento dele. Para criar fórmula era necessário saber do local da origem dos vírus. É nisto que consiste a nova fórmula específica dos sintomas da Covid-19, se sua origem num clima frio, clima quente (sol), nas áreas montanhosas etc. O chá de plantas medicinais é imprescindível para preparar o *Basese*, *be'tise* (dietas), bem como a presença de um acompanhante.

A Rosiane, esposa do Silvio, filha do senhor Justino acessou o site do Ministério da Saúde e baixou o App Coronavírus-Sus e App Telessus para confirmar de qual doença foram infectados e seus sintomas de febre, dor de cabeça, dores no corpo, dores nos olhos, perda de olfato e do paladar, falta de ar, urina cítrico amarelo escuro, tosse seca; o reaparecimento de doenças anteriores à Covid-19, como reumatismo crônico, sinusite, dormência, síndrome respiratória aguda e tosse seca, pneumonia e muita dores do corpo, tudo isso indicavam que eram sintomas de Covid-19.

O *Silvio* segue avaliando a gravidade da Covid-10 ao dizer que para uma pessoa debilitada da saúde é uma fatalidade. Por isso, requer todos os cuidados redobrados, pois uma pessoa passa por diversas fases dos sintomas

da Covid-19. Passa a sentir uma febre insuportável, tontura e dor de cabeça. A pessoa precisa reagir e no intervalo de febre tem de tomar banho d'água morna com plantas medicinais de alho roxo esmagado, folhas de canela, casca de laranja ou da casca do limão seco e, outra vez banho com as folhas de jambu para eliminar, limpar e anemizar o mal estar do corpo. Dessa forma se revigora a saúde. Dona Maria de Fátima, do povo Desana, 58 anos de idade é esposa do senhor Justino Pena (Tukano) ficou doente da Covid-19. O seu marido Justino tomava conta dela. Ela tem alergia a alguns remédios. Ela já doente da Covid-19, sendo medicada, pegou um chuvisco. Quase que veio à morte, pois de repente, ela sentiu febre subindo pelo seu corpo, dor de cabeça e, se jogou na cama; suas pernas sofreram dormências. O seu marido Justino Pena teve que fazer o *Basese* forte para ela recobrar a consciência. Já recuperada ela dizia brincando: *Ô'âk̃ihi yi'ire iatiami opi – Deus não me quis ainda!*

O *Silvio*, falando do seu sogro, senhor Justino, dizia que a Covid-19 não poupa ninguém, nem do cacique nem do *basedor*. O senhor Justino, após recuperado, brincava com a sua esposa *mi'î yarâ bikîrâ sâhâ nukapâ yi'ire* – *os seus vírus infectaram o meu corpo do cacique*. Ele ficou bastante tempo com a síndrome respiratória aguda e cada vez mais estava se agravando. Apesar de estar muito mal, ele não quis tomar chá para recuperação. Diante de tal situação, a Marcivana Sateré Mawé, a coordenadora da Coordenação dos Povos Indígenas e Entorno de Manaus/COPIME forneceu o contato do Dr. Antônio Pádua, professor da Universidade Federal do Amazonas/UFAM para a Rosiane, filha do Justino e enfermeira. Foi ela que conseguiu fazer vídeo-consulta com Dr. Antônio. Ele recomendou que lhe desse o chá caseiro. Ele sofreu a *síndrome respiratória aguda, tosse seca e pneumonia*. Com o tratamento com os chás ele conseguiu se recuperar.

A Covid-19 ceifou a vida de nossas lideranças

Em pouco tempo, rostos conhecidos começaram a ir a óbito. Inúmeros homens e mulheres de diferentes povos se foram. *Jonilda* viu, no dia 14 de maio de 2020, o cacique Messias Kokama morrer. Ele que foi um dos personagens fundamentais no processo de reconhecimento do Parque das Tribos como local legítimo de acolhimento e morada de famílias de diversas etnias provenientes de muitos rincões da Amazônia. Todos ficaram consternados e as autoridades municipais excepcionalmente permitiram que a comunidade se reunisse para prestar homenagem a Messias Kokama no velório, que ocorreu na própria comunidade, apesar das restrições impostas pela pandemia.

Silvio viu a sua Comunidade *Bayaroá* perder um dos associados, senhor João Cavaleiro Alcântara, do povo Tariano. Ele era pai, avô, pedreiro e *basedor*. Ele já tinha complicações pulmonares e sofria de varicose. Os filhos haviam levado para Unidade de Pronto Atendimento-UPA, Campos Sales, Avenida Dona Otília, 649 Tarumã e depois foi internado ao Hospital e Pronto Socorro

Delphina Rinaldi Abdel Aziz, na zona oeste de Manaus. O falecimento do senhor João Cavaleiro foi uma perda irreparável para Comunidade *Bayaroá*.

O doutorando em Antropologia *Justino* do povo Tuyuka destaca algumas pessoas do município de São Gabriel da Cachoeira que foram vítimas da Covid-19: senhor Feliciano Pimentel Lana, do povo *Desana*, um artista, desenhista, pintor das histórias dos povos originários, de renome nacional e internacional. Deixou-nos inúmeras lembranças, heranças e sabedorias; no dia 18 de junho de 2020, veio a falecer o Tuyuka, de nome tradicional *Poani* – Higino Pimentel Tenório. Ele foi um grande *Bayá – mestre de cantos e danças*, exímio conhecedor das tradições do povo Tuyuka. Foi idealizador e fundador da Escola Tuyuka. São muitos os educadores e as professoras que partiram desse mundo vítimas de Covid-19.

Consequências da Covid-19 nas pessoas infectadas e curadas

Para a *Jonilda*, a Covid-19 causou perda irreparável de vidas humanas, que se foram. É uma doença que deixa sérias consequências, como desconforto físico, dores corporais, falta de ar e olhos lacrimejantes. A paralização das Instituições provocou o desemprego em muitas pessoas, que foram dispensadas de seus trabalhos por conta de redução de efetivo nas empresas; os trabalhadores autônomos deixaram de exercer suas atividades quando começou o isolamento social, o que redundou em sérios problemas financeiros, principalmente para aqueles que têm crianças em casa.

Também o *Silvio* fala que depois da Covid-19, a pessoa sente tontura e fraqueza. Abala o emocional da pessoa, o aspecto afetivo e o psicológico. Deixa uma pessoa com uma sensação de vagar e sentir aéreo, sem concentração. A vida da pessoa não fica mais normal. Sente-se desolado e morto por dentro. Ficamos questionando o que falta para voltar à normalidade da vida. Se sente *ehéri pô'ra mariro – sem alma, sem sentido!* O *eheri pô'ra basero – é devolver a alma, o sentido existencial* para pessoa. O senhor *Justino*, seu sogro fez esse benzimento *ehéri pô'ra basero* com chibé ao seu genro *Silvio*. Fez também a cerimônia de *ba'ase e'karo basero – dar de comer os alimentos bons*. Essas cerimônias ajudam na recuperação da saúde de forma gradativa.

Solidariedade humana em tempo da pandemia

O tempo da pandemia despertou muitas ações humanas de solidariedade. *Dagoberto* conta que para evitar a presença nos mercadinhos não lhe faltou o “sacolão de solidariedade”, vindo dos amigos, professores e conhecidos da rede de amizade. Tal solidariedade foi fundamental para que prevenisse a infecção da pandemia, pois assim foi possível manter o isolamento social em casa.

A *Jonilda* disse que uma parceria importante foi demonstrada pela diretora da Escola Marechal Rondon, localizada no bairro Campos Salles. Nessa Escola, estuda a maioria das crianças do Parque das Tribos. A diretora doou cestas básicas para os alunos e seus familiares, tendo em vista que não está havendo aula. A Escola Tereza Cordovil, que fica no bairro Parque das Tribos, doou peixe pirarucu e frutas. Cada família podia escolher ou peixe ou frutas. Muitos apoadores se importaram com os indígenas desse bairro. Todos se sentiram agradecidos.

Posteriormente a prefeitura de Manaus ampliou as ações de saúde voltadas para os indígenas da comunidade do Parque das Tribos, disponibilizando uma Unidade Básica de Saúde Móvel, que opera desde o dia 20 de maio de 2020. É na UBS que as famílias do local recebem serviços com testagem rápida para a Covid-19, vacinação contra a influenza, consultas médicas, orientações sobre saúde bucal, além de instruções sobre a importância de atitudes como lavagem das mãos, uso de máscaras, distanciamento social, conduta adequada no isolamento domiciliar, em casos confirmados, e o autocuidado de maneira geral.

Nesses tempos tenebrosos, surgiram guerreiros para ir à luta, que estiveram na linha de frente, dando suporte aqueles mais vulneráveis na comunidade indígena do Parque das Tribos. São mediadores importantes, pois foram por meio dessas pessoas que a equipe de vacinação chegou lá o mais breve possível para imunizar o grupo de risco, os idosos. Também lutaram para conseguir cestas básicas para o bairro e receberam 500 cestas, feitas por uma cantora chamada *Cláudia Novo*. Conseguiram ajuda também com os medicamentos, como paracetamol e dipirona, kits de produtos de limpeza (sabão líquido, sabão em barra, detergente). As comunitárias receberam a doação de uma máquina de costura para fabricar máscaras para doar para aqueles que não têm condições de comprar.

Conclusão

A Covid-19 desconstruiu muitas teorias e práticas em diversos setores das sociedades e em diversos campos de conhecimentos. Essas realidades estão descritas nesse artigo. Como disse *Dagoberto*, o atual contexto lança-nos o desafio de refletir sobre como conter e elaborar um plano de contingência baseado nos saberes, nos conhecimentos dos *Pamtrimasã* (Gente de Transformação).

A pandemia Covid-19 convoca a todos a repensar a importância do trabalho conjunto entre os conhecimentos dos não indígenas e dos povos indígenas para a nova proposta ou formatação de um Plano de Ação de Saúde Intercultural. Mas surgirão muitas perguntas provocadoras, como esta: como articular o sistema de saúde indígena com o sistema do Estado? Existem enfermidades/doenças que são passíveis de cura com os conhecimentos dos povos indígenas e outros não, assim como os conhecimentos dos não indígenas, também.

O *Justino* (Tuyuka) lembra que a Covid-19 entrou em diferentes países, cidades e casas, causando as transformações nas relações e convivências sociais de todas as culturas. Provoca prejuízo, perda de entes queridos, gera medos e inseguranças. As pessoas são forçadas a se isolar dentro de suas comunidades e suas casas. As avenidas das grandes metrópoles tornaram-se vazias de carros e pessoas. O vírus ignorou as diferenças existentes entre países ricos e pobres. Ignorou os regimes políticos de cada país. Desconheceu as diferenças entre as classes sociais. Pessoas ricas, pobres, famosas e desconhecidas sentiram o mesmo medo: medo de morrer. Desafiou os avanços científicos e das medicinas. Fez desabar as bolsas de valores, assegurando economias, os empresários ficarem impotentes. Fez tremer os esteios de diversas religiões. Abalou e fortaleceu o modo de crer das pessoas ao mesmo tempo. Desestabilizou as práticas ceremoniais dos povos originários e ações de seus líderes. Desmascarou o perfil de cada governante. Apareceram líderes capazes de fazer decisões acertadas e os de líderes perdidos e com pouca capacidade de criar planos emergenciais para tratar os cidadãos contra o alastramento da Covid-19 em diversas cidades e comunidades. Por outro lado, surgiram pessoas que mostraram a capacidade de articular as ações de solidariedade em diversos países.

A Covid-19 mostrou os profissionais destemidos e comprometidos com os cuidados das vidas humanas. Diversos países destinaram bilhões de recursos para o combate e o tratamento da Covid-19. Esses planos mostraram também as mazelas das sociedades de querer aproveitar da situação para enganar as pessoas e desviar os recursos. Não faltaram as fake News, notícias falsas para servir aos interesses de alguns poderes.

Os povos originários hoje na Amazônia vivem nas grandes metrópoles e muito menos nas suas comunidades de origem. Quando se viu espalhar pelo mundo que o isolamento social era a melhor forma para combater a disseminação de Covid-19, parecia que nas comunidades distantes, espalhadas na Amazônia, ela jamais chegaria. Infelizmente chegou. A Covid-19 na Amazônia revelou o lado sombrio da saúde pública. Os hospitais existentes possuem poucas condições para o atendimento das vítimas, possuem poucas Unidades de Terapias Intensivas (UTI) e médicos e enfermeiros. No interior da Amazônia não existem hospitais próximos das comunidades ribeirinhas e muito menos médicos para atender as necessidades básicas.

Notas

¹ Nesse tempo dos sintomas de Covid, a Rosiane teve uma infecção urinária e tive que pedi uma ajuda para professor Gilton Mendes dos Santos, professor do PPGAS/UFAM e por sua vez pediu uma ajuda da Dra. Carla Caroline M que é sobrinha, uma médica, por meio áudio foi feita uma consulta médica.